



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes:
Arte e Patrimônio como pertencimento"
dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

REAPRENDER A ESCUTAR: PRÁTICAS POSSÍVEIS EM UMA VISITA MEDIADA PARA CRIANÇAS NO MUSEU PARANAENSE

Helena Stürmer¹
Museu Paranaense

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar um exemplo de prática de educação museal e arte educação desenvolvida por educadores do Núcleo Educativo do Museu Paranaense (MUPA) — Curitiba, PR — conectando o acervo de antropologia e de arte contemporânea do museu ao universo infantil de sensorialidades, curiosidades e aprendizagens durante uma visita mediada escolar. Com o intuito de abordar temáticas indígenas e território paranaense, o roteiro da mediação foi planejado levando em consideração a ludicidade, corporalidade e linguagens diversificadas que envolvessem as crianças em um outro modo de agência e relação com o museu e suas exposições. Como fio condutor, os educadores focaram nas etnias Xetá, Kaingang e Guarani e na erva-mate como um presente de herança ancestral para além de um símbolo regional econômico, especialmente fazendo referência à obra performática “É indígena a erva-mate/re-contar as páginas em branco”, de Gustavo Caboco, artista indígena contemporâneo nascido em Curitiba. Também foram mobilizados objetos do acervo tátil disponibilizado pelo núcleo de pesquisa em antropologia como material de apoio com as crianças, uma contação de história indígena Guarani sobre o mito de origem da ka’a (erva-mate) e uma finalização no jardim, ao pé de uma ka’a plantada pelo artista em 2020, onde também se desenrolou uma brincadeira de peteca, aproveitando da extensão do museu ao espaço externo e sua relação com a natureza. A ação completa demonstrou o quanto a comunicação com crianças permite à educação museal uma experiência sensível para todos os sujeitos agentes nesse espaço-encontro: crianças, professores, acervo/museu e arte educadores.

Palavras-Chave: mediação; visita escolar; arte educação; histórias indígenas; Museu Paranaense.

INTRODUÇÃO

Museus, conforme a definição atual do ICOM Brasil, são instituições que, além de colecionar, preservar, interpretar e expor o patrimônio, promovem sustentabilidade, diversidade e “**comunicam** de forma ética e profissional, proporcionando **experiências** diversas para **educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos**” (ICOM Brasil, 2022, grifo nosso). No Brasil, parte significativa dessa interpretação, comunicação e partilha de conhecimentos tem se dado por um núcleo educativo presente e atuante junto à gestão da instituição, estabelecendo relação de contato direto com o público, uma vez que a educação museal é reconhecida como

¹ Atual Coordenadora do Núcleo Educativo do Museu Paranaense e arte educadora na mesma instituição. Possui graduação em Jornalismo (UFSC), Licenciatura em Letras (UFPR) e mestrado em Letras (UFV), onde pesquisou identidades, crenças e emoções em sua formação como professora e pesquisadora. Desde 2019 atua como arte educadora em diferentes museus e espaços culturais. Email: helenasturmer@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5833614142763249>.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

função essencial dos museus (IBRAM, 2025). Desse modo, educadores buscam aproximar o museu à comunidade propondo diferentes ações, como oficinas e atividades práticas, rodas de conversa, apresentações diversas e, talvez a mais conhecida e procurada diariamente, a visita em grupo com mediação.

A visita mediada é a maneira como costumeiramente a escola — espaço formal de ensino — se aproxima do museu — espaço não formal. São duas esferas que oportunizam o encontro para o diálogo em torno da valorização e construção de significados da cultura material, especialmente quando isso ocorre em contato com uma exposição. Conforme Cury (2010: 363):

Exposição e educação são linguagens altamente engenhosas que resultam de elaborações cuidadosas e minuciosas, são multissensoriais, dosam inteligibilidade com sentido e conhecimento com significação, unificam espaço e tempo e atingem cinco dimensões (espaço, objeto, interatividade e criatividade).

Desse encontro, é possível listar alguns desafios que interferem no processo interativo e de partilha com os sujeitos participantes. Entre eles, destaca-se a dissonância que se pode haver entre professores e educadores a respeito do objetivo da visita e a o que se compreende e se espera de uma “mediação”. Isso, porque acontece de os professores responsáveis pelos grupos buscarem o museu e a visita às exposições como forma de “complementar” os assuntos trabalhados em sala de aula, sendo esperada pela escola a “transmissão” de informações sobre os objetos expostos por parte dos educadores aos estudantes, o que nem sempre condiz aos princípios e objetivos da educação museal.

O caráter educativo por meio da “visita guiada” desenvolvido por museus no século XIX ainda prevalece enquanto os profissionais dessas instituições vêm trabalhando nas últimas décadas na construção de suas próprias pedagogias. Enquanto é a escola a instituição reconhecida historicamente e simbolicamente como espaço de educação, os museus paulatinamente estão construindo socialmente essa relevância e legitimidade. Por isso, o que recai para a pessoa educadora e mediadora no trabalho diário com as visitas escolares é ceder às demandas da escola, adaptando os seus objetivos, princípios e métodos educativos a ela:

Para o educador de museu, a saída foi sustentar-se nas práticas da escola, uma vez que esta já possuía uma práxis para transpor o conhecimento para o educando, ao passo que o museu não. Ao ato de guiar, o que consistia em educar, o museu associou métodos e estratégias escolares, ou seja, reinventou a visita guiada, tornando-a mais

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

atrativa e divertida, sem mudanças de paradigmas pedagógicos necessariamente. Neste contexto, o museu perdeu visibilidade e espaço de participação e, sobretudo, penetração social porque lhe faltou mecanismos educacionais que atribuíssem sentido institucional ao público. (Cury, 2010: 365)

Nesse sentido, a intenção da mediação em se tornar um espaço de diálogo em que memória, identidade, afetividade e (re)significações são articuladas entre estudantes, professores e educadores museais acaba nem sempre se concretizando. Mas, uma vez que o trabalho dos educadores em museus se constrói diariamente na prática, reformulando-se a cada dia com novas interações, tentativas, recriações, erros e acertos, seria então possível “repetir, repetir — até ficar diferente”, como diz o poeta Manoel de Barros (2016: 16), encontrando na visita mediada escolar do dia a dia do museu metodologias geradoras de experiência sensível e participativa?

REAPRENDER A ESCUTAR

Em se tratando de visitas mediadas com grupos escolares, há, ainda assim, uma diversidade de perfil de públicos e, para cada um, as abordagens variam. É importante considerar o contexto dos participantes, pois isso reconhece a inclusão e orienta a maneira de interação almejada pelos educadores na hora de construir seus caminhos de mediação e estratégias de linguagem de comunicação. Para cada um, a aproximação entre comunidade e museu requer adaptações às particularidades e aos aspectos cognitivos, sociais e culturais trazidos pelos sujeitos visitantes. E quando se trata de grupo infantil, há muito o que se pode considerar para fazer da mediação uma ação educativa que envolva a arte, a cidadania, a convivência e a sensibilidade.

Crianças são curiosas, investigativas, são capazes de formular hipóteses sobre o mundo e produzir cultura. Não são receptáculos vazios a serem preenchidos, por isso a noção de transmissão de conhecimento não se alinha às práticas educativas em museus. De acordo com Stravogiannis e Stravogiannis (2026: p. 23), “educar não é simplificar o mundo para torná-lo raso. É mediá-lo para que possa ser compreendido progressivamente”. A mediação, nesse sentido, ao invés de “explicar”, está muito mais associada ao ato da escuta, com educadores sustentando perguntas sem antecipar ou oferecer respostas prontas, dando tempo para a investigação. Além disso, por estarem em grupo, o desenvolvimento ainda acontece no plano

Realização:



CEUNSP
Centro Universitário
N. Sra. do Patrocínio

opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

social, uma vez que o espaço aberto pela mediação no museu possibilita diálogo entre as crianças, que podem discordar entre elas, negociar, reformular hipóteses e ampliar interpretações e possibilidades criativas.

Outro ponto que vale ser lembrado acerca da experiência infantil no e com o mundo está na importância do corpo. Na primeira infância, “o corpo é a principal forma de relação com o mundo. Antes mesmo de organizar pensamentos em palavras, a criança organiza experiências por meio do movimento” (Stravogiannis; Stravogiannis, 2026: 107). Mesmo que nos grupos escolares visitantes dos museus prevaleçam crianças dos anos iniciais em diante, reconhecer e promover a ocupação do espaço museal pelo corpo é algo que amplia as formas de conhecer a si e, o nós e o outro, pois ao estimular sentidos (para além da visão), sensações, volumes e imaginação por meio de materialidades presentes no espaço ou em objetos criados com elas, a visita mediada ao museu pode se tornar uma experiência estética e significativa na formação desses sujeitos.

Foi levando em consideração esses aspectos e os quatro eixos das culturas da infância apontados por Sarmento (2004) — interação, fantasia do real, reiteração e ludicidade (brincadeiras) —, que educadores do Museu Paranaense planejaram e realizaram uma visita mediada com uma hora e meia de duração com uma turma de 28 crianças de oito anos de uma escola municipal da rede pública de Curitiba (PR), testando possibilidades que pudessem gerar metodologias proveitosas para esse tipo de ação (visita mediada a grupos escolares) que é tão cotidiano e desafiador na educação museal e arte educação.

NO MUSEU PARANAENSE

Fundado em 1876, o Museu Paranaense (MUPA) é o terceiro museu público mais antigo do Brasil, completando 150 anos em 2026. Ao longo de sua história, a instituição passou por diversas transformações, não havendo atualmente uma tipologia única a qual assume. Desde 2019, o MUPA vem incentivando e executando ações transdisciplinares, conectando os três núcleos tradicionais de pesquisa — Arqueologia, Antropologia e História — com o campo das artes. Para a gestão, incorporar a arte contemporânea em sua coleção e nas exposições de longa e curta duração é uma maneira de ativar o acervo, possibilitar diferentes leituras e valorizar o patrimônio a partir da expressão e diálogo com as práticas contemporâneas:

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

A coexistência da arte contemporânea com objetos centenários é uma escolha da gestão, que considera a potência da arte para uma reflexão necessária de decolonizar o pensamento, de construir novos saberes e olhar para o futuro. Essas ações se manifestam a partir de quatro eixos norteadores que guiam a programação cultural e as escolhas curatoriais: Identidades múltiplas; Ecologia; Memória; e Cosmovisões. (Museu Paranaense, 2026)

Para abordar um acervo tão diverso exposto em diferentes salas, o Núcleo Educativo dispõe de opções de “circuitos” oferecidos às escolas no agendamento para as visitas mediadas. Cada um foca em temas específicos e passa por diferentes exposições e/ou obras que se relacionem aos objetivos. Entre eles, o circuito “Reaprender a escutar: histórias indígenas” traz reflexões históricas e contemporâneas sobre os povos originários e costuma ser um dos mais procurados pelos grupos visitantes.

Embora exista um roteiro “mestre” que orienta o mediador no percurso a ser feito, a adaptação conforme o perfil dos participantes além de ser incentivada é também recorrente. Em uma dessas ocasiões, uma das educadoras, junto da equipe de estagiárias, escolheu planejá-lo de modo que práticas educativas diversas pudessem ser mobilizadas dentro daquilo que o grupo apresentava em seu perfil e interesse: 28 crianças de oito anos, do ensino fundamental I de uma escola da rede municipal de Curitiba contemplada pelo programa “Linhas do Conhecimento”², acompanhadas por três professoras, sendo uma delas a responsável que havia enviado previamente o plano de sua aula para a visita de campo ao MUPA.

O componente curricular era História, e o objetivo da professora para os estudantes era que pudessem conhecer mais sobre a cultura indígena e sua importância na história brasileira e curitibana, após terem estudado e conversado na sala de aula sobre a história de Curitiba e a influência indígena em seu nome, costumes, arte e alimentação. Com base nessas informações, a educadora designada para receber o grupo reuniu os materiais de pesquisa, materiais táteis e outras ações práticas que já haviam sido trabalhadas em programações anteriores nesse circuito para montar um roteiro de visita que pudesse se tornar uma ação educativa de experiência estética, envolvente e significativa para as crianças.

² O programa “Linhas do Conhecimento” é uma iniciativa da Secretaria Municipal da Educação (SME) que promove aulas de campo em roteiros históricos, culturais e ambientais, atendendo crianças e estudantes da rede municipal de Curitiba. Mais informações disponíveis em: <https://educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/linhas-do-conhecimento/8267>. Acesso em 14 jun. 2026.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Desse modo, foram escolhidas obras de três exposições do acervo de longa duração para orientar o caminho: “Ephemera/Perpétua”, “Mejtere: histórias recontadas” e “Objeto Sujeito”. Nessas três exposições, há acervo indígena em diferentes tipologias de linguagem — brinquedos em esculturas, cestarias, cerâmica, instalação e videoarte/performance —, o que possibilitaria ampliar o repertório de narrativas, formas de representação, imaginários e romper com os estereótipos criados sobre esses povos. Por se tratar da história do Paraná, território e culturas, o percurso privilegiou as três etnias mais presentes no estado — Xetá, Guarani e Kaingang — e a relação desses grupos com a terra, a fauna, a flora, especialmente com a erva-mate, símbolo econômico na história “oficial” do Paraná, mas que tem sua ancestralidade ligada à cosmovisão indígena esquecida ou apagada das narrativas não indígenas prevalecentes.

A mediação iniciou com uma recepção do grupo escolar no espaço externo do MUPA, onde uma pequena conversa sobre os motivos da ida das crianças ao museu já trouxe a atenção para o espaço e seus sentidos: como não poderiam tocar nos objetos expostos e como não dispunham de celulares com câmeras, o convite foi para as crianças fotografarem na memória aquilo que elas mais teriam gostado utilizando uma câmera imaginária com as mãos (a educadora demonstrou gestualmente com suas mãos um exemplo). Após serem questionadas sobre as etnias originárias no Paraná na sala expositiva de apresentação do museu, onde há um colar e uma coifa (espécie de “touca”) de plumárias do povo Karajá da Ilha de Bananal no Tocantins, o grupo seguiu para a “Ephemera/Perpétua”, onde as miniaturas em forma de animais esculpidos em cerume de abelha e carvão pelos Xetás estavam expostos.

Nesse momento de parada, tentaram adivinhar quais eram os animais representados. Foram instigados a deduzir de que material eles foram feitos, quais são os animais em extinção no nosso país, refletiram sobre a polinização de aves e abelhas e sobre a importância da ação humana ser uma relação de cuidado com a natureza, já que dela também fazemos parte. Aproveitou-se o momento para deixar circular entre as crianças alguns outros animais esculpidos em madeira pelo povo Guarani cedidos pelo Núcleo de Antropologia ao Núcleo Educativo como acervo de recurso tátil. Em outra parte da mesma exposição, uma pequena cestaria de taquara e tigela de cerâmica foram os objetos táteis da vez para conversar sobre tecnologias, manualidades, materiais naturais (fibras, argila, pigmentações de frutos e sementes), grafismos (significados que por vezes se atrelam à qualidade de alguns animais), palavras do tupi na língua brasileira (“cumbuca”, “paraná”, etc.), entre outros assuntos. O uso

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

dos objetos táteis ancorou a presença das crianças nesses momentos de conversa, pois o sentido que o toque abre em termos de percepção permite acessar noções de volume, peso, textura, conferindo aproximação aos povos referidos e aos objetos expostos através de uma materialidade manipulável.

Em seguida, alguns desses objetos foram ativados novamente junto de outros ainda não apresentados quando a mediação se deslocou para a exposição "Mejtere: histórias recontadas". Lá, uma exposição de acervo exclusivamente indígena organizada em uma curadoria compartilhada entre MUPA e pessoas indígenas convidadas, o grupo se acomodou para escutar uma história. Convidados a sentar embaixo de uma canoa com a pintura "A grande viagem da cobra-canoa" (autoria de Eliomar Mura, povo Mura, e Jaime Diakara, povo Desana) suspensa pelo teto (um dos itens da exposição), a própria expografia colaborou para que a educadora imergisse com os participantes em um cenário imaginário de floresta de um tempo desconhecido. Tratava-se da história de um mito de origem Guarani; a origem de uma planta que deu muita alegria para o seu povo e que espantava o cansaço de quem a bebia. Geralmente servida em roda, ela é uma herança ancestral que reúne pessoas para confraternizar em suas comunidades. A história foi adaptada do mito de origem da erva-mate (*ka'a*) que havia sido contada no ano anterior em uma programação especial do Abril Indígena no MUPA. Na ocasião da visita mediada com o grupo escolar, a dinâmica teve alterações, mas continuou envolvendo a atenção das crianças presentes, que participavam com reações, comentários, suposições, preenchendo as "brechas" de silêncio que a educadora abria propositalmente para elas. Elementos surpresa a cada objeto novo que aparecia na roda e a cada novo acontecimento da narrativa movimentaram a fantasia do real infantil em uma espécie de brincadeira:

Brincar junto com a criança e assumir personagens fictícios com ela, e para ela, é adentrar num mundo repleto de fantasias. Experimentar o ser criança, e assim, facilitar a sua comunicação com elas. Por vezes, fica nítido o convite da criança, para com o adulto, e este brincar na aventura de ser outro. Então o corpo, a imaginação e a expressão ganham sentido nas ações com elas. (Leite, 2015: 37)

Dando sequência à cosmologia indígena, o grupo foi apresentado à obra "Cardume" do artista indígena Ziel Karapotó. Uma instalação contemporânea composta por uma tarrafa suspensa pelo teto, aberta, abrangendo em seu interior maracás indígenas de um lado e projéteis esculpidos em cerâmica de outro, que traz como reflexão o conflito de culturas e a luta desleal entre forças que operam por diferentes objetivos. Os maracás, peças feitas de cabaça seca

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

preenchida por sementes de frutos ou pequenas sementes e com haste de madeira, são instrumentos musicais e objetos sagrados para a cultura indígena. Com a intenção de aproximá-los das crianças na mediação, foram trazidos dois exemplares do acervo tátil pela educadora para que pudessem ser tocados e chacoalhados, de modo a conhecerem o som semelhante ao da cascavel que eles emitem. Como algumas comunidades acreditam que além de marcarem ritmo, esses objetos também evocam forças espirituais, cada criança foi incentivada a sentir esse poder e a conectar com alguma intenção boa para o coletivo ao chacoalharem os instrumentos.

Saindo da exposição “Mejtere: histórias recontadas”, o grupo passou pela última exposição visitada naquele dia. Com objetivo de interpretar os eventos históricos do Paraná a partir de camadas novas que eles ganham no presente, a “Objeto Sujeito” coloca em diálogo os trabalhos de doze artistas brasileiros contemporâneos com o acervo histórico do Museu Paranaense. Entre eles, Gustavo Caboco — artista indígena contemporâneo nascido em Curitiba — apresenta uma série intitulada “É indígena a erva-mate/re-contar as páginas em branco”, de 2020. Como a planta é um símbolo de representação do estado por sua importância econômica e de domínio pela elite ervateira branca, Gustavo enfatizou a retomada dessa origem, que tem herança ancestral indígena (como foi narrada pela história contada anteriormente na mediação para o grupo) perfazendo o caminho inverso de sua comercialização massiva. Em vídeo, registrou e editou a performance em que saiu da região litorânea (local de exportação) trazendo um pé de uma muda de volta a Curitiba, especificamente ao MUPA, onde a plantou no jardim, sob a sombra de uma araucária. Convidadas pela educadora a fazerem um caminho seguindo o pé da erva-mate, o grupo se dirigiu ao jardim para procurar a árvore.

Não imaginavam que ela estaria em uma altura tão elevada quando a identificaram. Ali de baixo e à sombra de uma araucária, conversaram sobre o cultivo de sombreamento, um patrimônio agrícola mundial que também veio dos saberes dos povos originários daquela região e que mostra a relação simbiótica existente na natureza. Para aproveitar a conexão com esse espaço e os elementos naturais, a visita mediada com aquele grupo escolar terminou com uma brincadeira de peteca, outra herança cultural indígena, entre os participantes. Enquanto jogavam, as crianças relataram quais momentos da visita elas haviam “fotografado” em suas memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

A ação educativa planejada e desenvolvida para o circuito “Reaprender a escutar: histórias indígenas” no Museu Paranaense com crianças do ensino fundamental da rede municipal de Curitiba demonstrou que a prática de mediação pode aproveitar as particularidades do perfil do público e metodologias diferentes de aprendizagem para construir uma pedagogia própria da educação museal. Do modo como foi conduzida, a ação mostrou ter aberto espaço para a educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos, como é esperado pelo ICOM Brasil em relação aos museus, além de também ter trazido as culturas da infância definidas por Sarmiento (2004) — interação, fantasia do real, reiteração e ludicidade (brincadeiras) — para possibilitar ao público infantil modos de se serem agentes na relação com um determinado acervo e de assim pertencerem como sujeitos no espaço museal.

Apesar dos diversos desafios diários da visita mediada escolar em museus, como a alta demanda de atendimentos para um número reduzido de profissionais no núcleo educativo, a dificuldade das escolas em acessar e custear o meio de transporte (especialmente para aquelas da rede pública) até o local, o tempo curto de visita, entre outros, a mediação é uma prática educativa que abre possibilidades de transformar o que seria uma visita “conteudista” em uma experiência estética sensível, significativa e participativa para os agentes envolvidos no processo educativo museal: crianças, professores, acervo/museu e arte educadores/educadores museais.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus, cultura e comunicação. In: CUNHA, Ana Maria de Oliveira (org.) *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 357-369.

ICOM (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS) BRASIL. *Definição de museu*, 2022. Disponível em: <https://icom.org.br/icom/definicao-de-museu/>. Acesso em 8 jun. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). *Política Nacional de Educação Museal*, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/politicas-do-setor-museal/politica-nacional-de-educacao-museal-pnem>. Acesso em: 8 jun. 2026.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

LEITE, Elisângela C. P. *Professor em Ação Dramática na Educação Infantil: uma estratégia de comunicação entre professores e crianças pequena*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

MUSEU PARANAENSE. *Apresentação*, 2026. Disponível em:
<https://www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Apresentacao>. Acesso em: 10 jun. 2026.

SARMENTO, Manoel. J. As Culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J. CERISARA, A. B. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. *Linhas do Conhecimento*. Disponível em: <https://educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/linhas-do-conhecimento/8267>. Acesso em 14 jun. 2026.

STRAVOGIANNIS, Katherine; STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena da Costa. *Territórios da infância: um guia reflexivo para famílias*. Curitiba: Juruá, 2026, *no prelo*.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

